

LUIZA FRANCO MOREIRA. *Meninos, Poetas e Heróis: Aspectos de Cassiano Ricardo do Modernismo ao Estado Novo*. São Paulo: Edusp, 2001.

Num dos parágrafos finais de *Dom Casmurro*, Machado de Assis deixa para o leitor o julgamento final de uma das suas heroínas mais intrigantes: “e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca.” O livro de Luiza Franco Moreira, *Meninos, Poetas e Heróis*, convida-nos, por meio de uma leitura instigante, clara e objetiva, ao mesmo desafio da intriga machadiana: revelar que em Cassiano Ricardo muitos dos temas presentes no seu poema principal, *Martim Cererê* (1928), estariam também presentes na sua prosa de caráter sociológico, *Marcha para Oeste* (1940), bem como nos seus artigos escritos entre 1941 e 1945 para *A Manhã*, jornal oficial do Estado Novo, o qual esteve sob a sua direção.

Um dos valores do livro de Luiza Franco Moreira é trazer à cena dos debates contemporâneos da crítica literária a obra do poeta Cassiano Ricardo, estigmatizado e relegado ao descaso nos últimos anos, muito em função da sua escolha político-ideológica (nacionalista e conservadora), como enfatiza Antonio Candido no seu prefácio ao livro. *Meninos, Poetas e Heróis* coloca Franco Moreira na mesma corrente crítica que propõe fazer uma releitura do modernismo, nascida do clássico estudo de Sérgio Miceli (*Intelectuais e Classes Dirigentes no Brasil*) e seguida por Roberto Reis, João Luis Lafetá, entre outros, preocupada em discutir, à luz gramsciana, o lugar do escritor como intelectual. Se por um lado a crítica literária pouca atenção tem dado à prosa de Cassiano, a autora do livro reconhece o valor do trabalho recente dos historiadores ao examinar aquilo com o qual a crítica parece não querer lidar (ainda que para a historiografia a produção literária de Cassiano seja na maioria das vezes ignorada) apontando para a participação do autor de *Marcha para Oeste* como mero ideólogo do Estado Novo. Diante dessa “zona de silêncio simétrica” entre a crítica literária e a historiografia, o livro de Franco Moreira se propõe a “recuperar a continuidade entre aspectos” da obra de Cassiano configurados desde finais da década de 20 até a década de 40 e “que antes pareciam em isolamento.” Franco Moreira opta por uma análise interdisciplinar entre a crítica literária e a história para entender as complexidades da relação entre literatura e política, valendo-se especialmente dos conceitos gramscianos de hegemonia e de intelectual orgânico.

Se por um lado, a retomada do pensamento de Gramsci como aparato teórico para a análise da obra de Cassiano é iluminadora, cabe dizer que faltou ao estudo uma discussão mais aprofundada de tais conceitos, sobretudo o conceito de hegemonia que no seu uso, aparentemente, surge como uma categoria cristalizada. Isto quando se sabe que o universo hegemônico traz consigo uma dinâmica de constantes trocas de posições, negociações, intercâmbios, avanços e recuos, abertura e fechamento, como sugerem os escritos de Ernesto Laclau.

A primeira parte do estudo (“*Martim Cererê* como Texto e Como Documento”) é dedicada à análise de *Martim Cererê*. Balizado, implicitamente, pelo pensamento de Benedict Anderson sobre o conceito de nação como “comunidade imaginada,” Franco Moreira revela as estratégias discursivas que operam na construção do poema de Cassiano. Dentre as quais estão o uso do folclore e da história para construir um relato sobre a formação da nação brasileira e a identidade nacional. Relato que tem como base a idéia de uma harmonia racial construída sobre uma rigidez hierárquica de etnia e gênero, tais como a imagem do *menino* do poema coincidindo com a imagem do leitor como um *adulto infantilizado*, como a autora sugere. Tal hierarquia, segundo a autora, aponta para a estrutura do Estado corporativista, do qual anos mais tarde Cassiano seria participante.

Um dos aspectos de maior relevância nesse capítulo encontra-se na originalidade de Franco Moreira ao discutir a representação alegórica do Brasil por meio da figura do “menino” do poema, e na abordagem *Martim Cererê* a partir do ponto de vista da teoria da recepção, examinando a recepção do poemário nas suas primeiras edições, bem como o depoimento dos primeiros leitores de Cassiano. Contudo, faltou ao estudo de Franco Moreira um tratamento mais detalhado e mais aprofundado do poema de 28 que talvez melhor esclarecesse as origens do discurso nacionalista de *Martim Cererê*, que, como sabido, tem na sua matriz a proposta *indianista* do Grupo Verde-Amarelo, bem como a típica representação (hierarquicamente rígida) do lugar do negro e da mulher na formulação da brasilidade tão comum a outros modernistas.

A segunda parte do livro aponta para a relação intertextual entre *Martim Cererê* e *Marcha para Oeste*. Neste capítulo, a autora mostra como o ensaio sociológico de 40 espelha o poema de 28, ocupando um lugar significativo dentro da ideologia do Estado Novo, e criando um espaço de enunciação discursiva para o próprio Cassiano Ricardo como intelectual, colocando-o na mesma tradição ensaística de reflexionar sobre o Brasil (Oliveira Viana, Sérgio Buarque de Holanda, Taunay, Plínio Salgado, entre outros). A autora observa como o ensaio de Cassiano se presta a defender a visão centralizadora do regime Vargas como a melhor forma de governo para o Brasil, além de defender um “governo forte” e definir a importância da participação dos intelectuais dentro do projeto estadonovista. Franco Moreira examina as diversas estratégias discursivas, retóricas e de persuasão presentes em *Marcha para Oeste* e que são necessárias para o autor reescrever *Martim Cererê*.

A terceira e última parte do livro examina o trabalho de Cassiano Ricardo como diretor do órgão oficial do Estado Novo, *A Manhã*, e do seu papel como ideólogo da propaganda estadonovista. Franco Moreira nota várias facetas de Cassiano na direção do jornal, tais como o funcionário que interpreta a política cultural do Estado Novo (na

escolha da paginação, na linha editorial, na pauta) ou o homem de letras que tem seus livros resenhados e poemas publicados no suplemento literário do mesmo periódico. Convém salientar, outrossim, o valor do exame que Franco Moreira faz do suplemento literário *Autores e Livros*. Suplemento este que aparentemente se distanciava da política e para o qual escreviam figuras como Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Vinícius de Moraes.

Na conclusão do livro, Franco Moreira retoma os argumentos principais do seu estudo, reafirmando o propósito da sua análise, pouco acrescentando ao que até então vinha se discutindo sobre a obra de Cassiano Ricardo. Além da conclusão, o livro traz ainda, como apêndices, dois artigos do próprio Cassiano sobre Vargas.

Para concluir, vale dizer que *Meninos, Poetas & Heróis* é um livro provocativo e interessante. Pode-se afirmar que o grande mérito do livro está em tirar do silêncio a obra de Cassiano Ricardo. Não resta dúvida o livro de Franco Moreira constitui leitura obrigatória e de referência para os estudos sobre o modernismo brasileiro e o modernismo em geral. A contemporaneidade do aparato teórico usado pela autora na análise da obra de Cassiano (Gramsci, Benedict Anderson, teoria da recepção) coloca Franco Moreira na linha de frente das novas leituras sobre o modernismo – um período literário relativamente carente de leituras e abordagens novas, como é o caso do modernismo brasileiro.

Georgetown University

VIVALDO A. SANTOS

NÉSTOR GARCÍA CANCLINI. *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

Este texto de García Canclini se hizo acreedor en el 2002 del Premio Anual de Ensayo Literario Hispanoamericano Lya Kostakowsky de la Fundación Cardoza y Aragón. La octava edición de este concurso tenía como propuesta temática la interrogante sobre el ser latinoamericano a comienzos del siglo XXI. Ante esta cuestión, el ensayo de García Canclini se pregunta en primera instancia sobre la posibilidad de hablar de América Latina a partir de problemáticas que organicen la dinámica regional en imágenes, relatos, políticas, identidades compartidas. Esta inquisición en torno a la posibilidad de pensar un *espacio común latinoamericano*, es una preocupación presente en anteriores libros del autor, *Las industrias culturales en la integración latinoamericana* (1999) y *La globalización imaginada* (1999). Precisamente en este último texto, García Canclini afirmaba que era claro que las reconfiguraciones generadas por los recientes flujos tecnológicos y económicos no podían ser encaradas con los antiguos discursos identitarios, ni con las políticas de multiculturalidad desplegadas dentro de cada nación cuando éstas eran unidades más autónomas.

A la luz de estos flujos crecientes y en relación con el Acuerdo de Libre Comercio de las Américas (ALCA) que deberá firmarse en el 2005 con el auspicio de los Estados Unidos y los países latinoamericanos, este ensayo plantea a lo largo de sus páginas la necesidad